

O poeta, ao longo de vinte anos, publicou dois livros - *Cantos da Longa Ausência* (São Paulo, Bentivegna, 1966, com segunda edição em Fortaleza, pela Secretaria de Cultura, em 1986) e agora *Canto Efêmero*, também editado pela Secretaria em cujo Conselho, como relator de livros de poesia, recomendei a publicação.

Há um detalhe a destacar: o autor republica na parte final de *Canto Efêmero* os poemas e sonetos do primeiro livro, dando-nos, assim, uma visão global de suas criações líricas, em que duas cousas se evidenciam: o seu indiscutível talento ao lado de amplo conhecimento da arte poética.

Empregando a rima, ou usando versos brancos, em metros curtos ou longos, Sânzio de Azevedo domina, de forma vigilante, a construção poemática, exercitando-se em temas que vão do *Carpe Diem* aos encantos telúricos do sertão, preocupado, em todos os momentos, com os problemas de natureza essencial e perene. E por fazer um tipo de poesia sem experiências laboratoriais, mostra-nos sonetos de inspiração camoniana juntamente com poemas em que visualiza as marcas do tempo, o espectro das lembranças mais pungentes e tudo aquilo que procuramos resgatar no verso, no incessante reconstruir das cousas e da vida, que se liga ao próprio destino da poesia.

O livro tem altos momentos, como linguagem e tratamento formal, o que lhe confere aquela desejada legitimidade sem a qual a produção literária, na poesia e na prosa, não permanece. Os "Dez sonetos de tempos vários" e o grupo de poemas com que evoca a cidade de Fortaleza, além de outras peças de grande expressão conteudística, são páginas imperecíveis, na poesia cearense contemporânea.

A voz de um verdadeiro poeta, em qualquer instante em que se manifeste, traz sempre uma mensagem de aliciante beleza, sobretudo no aproveitamento dos chamados temas eternos. E é o que ocorre com o livro de Sânzio de Azevedo, cujas virtudes poéticas já foram postas em relevo por Guilherme de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Girão Barroso, Francisco Carvalho, Edigar de Alencar e Otacílio Colares, entre tantos que se manifestaram sobre o poeta cearense, agora novamente nas livrarias com o seu **Canto Efêmero**, livro que se recomenda por todos os motivos aqui expostos, numa prova irrecusável do valor intelectual do autor.

A POESIA DE SÂNZIO DE AZEVEDO

FRANCISCO CARVALHO

Sânzio de Azevedo, professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, é autor de dez livros de ensaio da maior importância para o estudo e conhecimento dos fatos relacionados com a nossa história literária. Agora ele vem de reunir os seus poemas num

volume, ao qual deu o título de *Canto Efêmero* (Imprensa Oficial do Ceará, 1986) e do qual fazem parte textos poéticos publicados em 1966 - *Cantos da Longa Ausência*, quando o autor residia em São Paulo.

Como salienta o poeta e crítico Otacílio Colares, que fez a apresentação do livro, Sânzio de Azevedo "é considerado um mestre de indiscutível sabedoria no trato do que poderíamos chamar *saber poético*". De fato, esse "saber poético" de Sânzio de Azevedo manifesta-se, de forma bastante evidente, em cada poema de *Canto Efêmero*. Sobretudo isso acontece nos poemas de forma fixa, que indiscutivelmente correspondem às preferências do poeta. Oportuno esclarecer, todavia, que o "saber poético" do autor de *Caminhos da Poesia* não faz dele um artesão de poemas estereis que se destacassem apenas pelo rigor e exatidão da estrutura. Não é que o rigor e exatidão da estrutura não sejam coisas relevantes a considerar na elaboração de um poema; mas não seria verdadeiro, nem legítimo, reduzir a complexidade da arte poética de Sânzio de Azevedo à simples verificação dos seus aspectos extrínsecos, deixando de lado o que existe de subjacente e de crucial na sua abordagem estética.

O poeta que escreve sonetos formalmente corretos e de acordo com os padrões mais exigentes da versificação tradicional é, antes de mais nada, um homem deste século de acontecimentos velozes e de permanentes transformações - um homem profundamente sintonizado com as realidades do seu tempo e com os problemas e aspirações do seu universo social. Desnecessário acrescentar que a sua cosmovisão é que determina o conteúdo mítico-ideológico dos seus poemas, sejam estes concebidos em formas paradigmáticas ou em versos livres. Há uma diferença crucial entre os sonetos de Sânzio de Azevedo e os sonetos de um parnasiano típico. E esta diferença é basicamente uma questão de visão-de-mundo do poeta cearense, um problema de perspectiva ontológica que se instaura no cerne do impulso criador e o acompanha até a consumação do poema.

Em "Soneto com Epígrafe", é fácil compreender a diferença entre um soneto moderno e um soneto do passado: "Chove, e o chiar monótono da chuva / traz um cheiro de mato muito verde. / O vento frio evoca um cacho de uvas / que, de tão frio, não nos mata a sede. / Uvas. . . São Paulo... Eu, de japona e luva / passeando saudades na alameda... / Carros deslizam no ímpeto das curvas". Este soneto é particularmente característico da leveza e flexibilidade com que o poeta Sânzio de Azevedo costuma manipular o chamado poema de forma fixa. E é justamente essa leveza que o leva a triunfar sempre da atmosfera asfíxia do paradigma. Mas não é apenas o fato inusitado de o poeta evocar o "cheiro de mato verde", em pleno centro nervoso de uma metrópole alucinada como São Paulo, que define o caráter de modernidade desse soneto. Essa modernidade é também assinalada pelo desempenho formal de Sânzio de Azevedo e sobretudo pela sensibilidade social do poeta, exilado num mundo adverso e agressivo, longe dos olhos e da solidariedade da tribo. Ele não teve pudor algum em rimar "chuva" com "uvas", ou "luva" com "curvas", coisa que dificilmente poderia ter ocorrido se esse soneto tivesse sido escrito por um parnasiano convicto.

Procedimento semelhante ele adota em "Soneto Carioca", igualmente um poema de inspiração urbana. Na primeira quadra do soneto, o poeta elabora uma síntese substantiva das imagens de que se compõe a paisagem do Rio de Janeiro, num domingo azul e ensolarado. É uma visão instantânea de um conjunto de coisas concretas, que o poeta transforma em signos e metáforas, que afinal se conjugam no corpo do poema. No meio da paisagem, "Há um homem só. O vento vai soprando / a claridade azul deste domingo. / Cerveja, futebol, mulatas, samba, / carros no asfalto: roncões e buzinas". Esse soneto é mais uma prova de que a modernidade das estruturas literárias é muito mais uma questão de conteúdo do que de linguagem. O que se vê aqui é o homem profundamente impregnado do universo social em que vive. O homem atado à sua realidade. Vivendo nela e sofrendo nela. O poeta não é um contemplador passivo da paisagem urbana do Rio de Janeiro. A claridade azul do domingo, a cerveja, o futebol, o samba, as mulatas, os carros no asfalto, o ronco das buzinas - tudo isso lhe interessa como homem e como poeta. Tudo isso o afeta de forma contundente e como que se confunde com a sua própria natureza.

Tenho insistido no fato de que os aspectos estruturais não são a questão de maior relevância do Modernismo. Tanto isso é verdade que alguns parnasianos passaram a adotar o verso livre dos modernistas e, não obstante, continuaram tão parnasianos como nos velhos tempos em que pacientemente metrificavam e esmerilhavam os seus sonetos, usando e abusando de todos os ingredientes da arqueologia poética que fizeram delícia de sua geração. E por que isso acontecia? É que esses parnasianos, embora escrevendo poemas em versos livres, continuavam ideologicamente presos aos fascínios do passado. Quer dizer: só aparentemente escreviam versos livres. As suas almas parnasianas ou simbolistas continuavam a perambular num limbo de formas e de idéias em que nada lembravam os conflitos e tensões do mundo em que viviam. O vinco deixado pelos preceitos estéticos chega a ser tão forte que o grande poeta Manuel Bandeira, bem-sucedido como parnasiano e como modernista, costumava dizer que só depois de longo aprendizado conseguira finalmente libertar-se das cadeias sonoras do verso metrifico e partir para a elaboração do verso verdadeiramente moderno.

Sânzio de Azevedo, que cultiva o verso de feitio clássico por uma questão de índole e de formação, faz também largo uso do verso livre dos modernistas. Em vários poemas de *Canto Efêmero*, ele pratica o versilibrismo com indiscutível habilidade. Vejamos alguns exemplos: "Um mundo silencioso e doce / rebrota da trepidação de outro mundo maior e mais amargo." / "O circo foi-se embora / todo atulhado em dois velhos caminhões / que rangiam ao peso das tábuas e dos sonhos." / "Junho sibila, frio, por entre os galhos esguios / das árvores taciturnas. . . / E o poeta forasteiro / sonha poesia na cidade grande. . . / E para ele a madrugada é um poema / de Guilherme de Almeida". Esses exemplos bastam para concluir que Sânzio de Azevedo não é apenas um profundo conhecedor de todas as modalidades do verso clássico, senão que também o é do verso plástico e flexível dos modernistas.

Nada mais a fazer senão que ressaltar o excelente nível literário do livro de Sânzio de Azevedo. Entre os poemas desse conjunto, existem realizações poéticas da melhor qualidade, como "Luar da Memória", por exemplo. Trata-se de um longo poema constituído de onze segmentos, onde Sânzio de Azevedo usa alternadamente o verso clássico e o verso moderno, com isso obtendo efeitos expressivos de grande beleza, como é o caso, entre outros, do segmento nº 3 - A Velha Rua, onde se lêem versos como estes: "Um pio de ave noturna / na asa dos ventos tardonhos / banhava o luar de mistério / e enchia a infância de sonhos." Este é seguramente um poema de significado plural, onde o poeta como que passa a limpo todas as emoções e alumbramentos de sua infância de menino pobre, nascido e criado na rua Jaime Benévolo, que "corria em leito de areia / areia frouxa e bem clara / mais clara na lua-cheia."

Outra realização a merecer destaque são os "Dez Sonetos de Outros Tempos", calcados no modelo inglês. Também nessa parte do livro o "saber poético" de Sânzio de Azevedo marca a sua presença de forma equilibrada e indiscutível. Esses dez sonetos se impõem pela qualidade do seu artesanato, pela excelência do lirismo e pela atmosfera de modernidade temática em que se desenvolvem. Sem embargo da epígrafe que lhes foi atribuída pelo poeta (sonetos de outros tempos), essas composições não respiram aquele ar de solenidade de certas formas ultrapassadas de expressões poéticas. Vários outros poemas mereciam também uma referência especial, não fossem as limitações de espaço peculiares a um registro desta natureza. Estou certo de que outros leitores, como eu, terão motivos de sobra para louvar este encontro com a poesia madura e o verso apolíneo de Sânzio de Azevedo.